

## Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513–2013)

A. E. Maia Amaral, coord.

---

Importa referir, em primeiro lugar, que se trata de uma obra evocativa, destinada a celebrar os 500 anos da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Tem, pois, também por isso, as características de *beau livre*: capa dura, grande formato (320mm X 250mm), encadernação em tecido cinzento com letras gravadas a preto, sobrecapa (muito atraente, aliás), miolo em papel *couché*, *design* cuidado, ilustrações profusas.

Obra de autoria coletiva – A. E. Maia Amaral, Maria José Otão da Silva Pereira, Maria de Fátima Bogalho, Carla Ferreira, João Pedro Cardoso Gomes da Costa e Pedro Miguel Ferrão – relata a história da Biblioteca da Universidade de Coimbra, desde o primeiro testemunho escrito referindo a existência da Biblioteca – uma ata de 1513 que assinala a necessidade de instalar um cano para «lançar água fora» da livraria (p. 13) –, até aos recentes projetos de digitalização.

Trata-se de um relato cronológico, com mais de 200 páginas, cuja periodização os autores fazem coincidir com momentos significativos da história da Biblioteca: mudanças de regulamentos, de instalações, diretores mais marcantes... Possui ainda anexa a lista dos



responsáveis pela Biblioteca de 1532 até ao presente. O relato, apesar de ser a várias mãos, revela-se integrado e coeso, não sendo visíveis sobreposições ou contradições. Ocasionalmente, no final dos capítulos, há transcrições de documentos. Ainda que seja uma obra de divulgação, não cede no rigor científico, como o demonstram o aparato de notas e a bibliografia, que permitem cotejar com as fontes o que se vai afirmando, e, ao interessado, aprofundar um ou outro tópico. Tudo pontuado com belíssimas fotografias.

Ao longo da obra vai sendo desfiada a história da Biblioteca desde até antes de 1513, o ano escolhido para assinalar os 500 anos, pois sabe-se que por volta de 1503 a Biblioteca da Universidade, então ainda em Lisboa, possuía mais de 70 livros, a que se juntam, em 1508, mais 58 do canonista Diogo Lopes, os quais foram mandados pôr em «cadeias», «porque a normalidade de uma biblioteca era, então, a do livro *catenatus*, isto é, acorrentado a uma estante dotada de uma bancada de leitura» (p. 15), o que simultaneamente garantia a segurança das espécies e a boa ordem da biblioteca.

Em 1536, já com 151 volumes, ocupa uma sala com 24 «estantes», que seriam meras prateleiras de seis ou sete livros, ainda com maior peso dos volumes «de pena» (manuscritos) em relação aos «de forma» (impressos) (p. 20). Em 1548 era ainda biblioteca de «[...] livros encadeados, com os seus varões, fechaduras e correntes, que o serralheiro António Dinis pede que lhe paguem» (p. 28); outro tanto acontecendo em 1559, data em que ainda permanecia com «volumes acorrentados às estantes e organizados pelas Faculdades onde se liam», mas agora já «pública para «lentes, estudantes e quaisquer pessoas outras» (p. 33), o que a torna a mais antiga biblioteca portuguesa aberta ao público.

Em finais do século XVI ou inícios do século XVII, dois «róis» ou listas de livros mencionam um total de 739 volumes e, pouco depois, Pedro de Mariz, filho do impressor António de Mariz, é encarregado pelo reitor da Universidade de comprar obras de Lyon e Veneza, com as quais despense 500 mil réis, valor que, a julgar pelo número de peles de bezerro encomendadas para a sua encadernação, deveria ter pago entre 1500 e 2000 volumes. E em 1603 é mesmo encomendado um faustoso *super libros* com a legenda *Insignia Vniversitatis Conimbricensis* destinado a ornar estas encadernações, que constitui a mais antiga marca de posse das bibliotecas públicas portuguesas.

Só em 1616, André de Avelar desencadeia os volumes e faz sumir correntes e varões, sabendo-se, porém, pelo confisco que a Inquisição lhe fez em casa, em 1620, que nela «se haveriam de encontrar (muitos?) livros que pertenciam ou deviam pertencer à Universidade» (p. 45).

Entre 1717 e 1728, ergue-se a celebrada biblioteca joanina, com cerca de 55 mil volumes, construção realizada com o aval de D. João V mas paga pela Universidade e, em 1772, o Marquês de Pombal define-lhe o primeiro quadro de pessoal composto por um bibliotecário e «dois serventes para a limpeza da Biblioteca, subalternos do bibliotecário» (p. 67), a que acrescem um porteiro e um contínuo. O primeiro bibliotecário será António

Ribeiro dos Santos que inicia a reorganização da Biblioteca, elaborando para tal a célebre *Minuta para o regimento da Livraria da Universidade de Coimbra*, um dos documentos fundadores da biblioteconomia portuguesa, onde aborda desde a necessidade de autonomia orçamental, à profissionalização do pessoal, à exclusividade do exercício das funções de direção, aos horários adaptados ao ritmo do ano letivo e às estações do ano, ao acolhimento dos leitores, à elaboração de catálogos, ao depósito legal, à seleção e aquisição de livros, entre outros, labor visionário que certamente lhe terá valido, em 1796, a nomeação como Bibliotecário-Mor da Real Biblioteca Pública da Corte. Atualiza os fundos com aquisições regulares a livreiros ou comprando as bibliotecas particulares de antigos professores, como era tradição da Universidade. Entre as compras destaca-se a aquisição de um exemplar da chamada Bíblia das 48 linhas, dada à estampa em Mogúncia em 1462 e porventura a mais bela das primeiras quatro bíblias impressas, que constitui, ainda hoje, uma das suas maiores preciosidades bibliográficas.

Em 1790 é instituído o depósito obrigatório na Biblioteca das obras editadas pela Imprensa da Universidade: «De todas as obras que a Oficina imprimir, terá o Administrador o cuidado de mandar logo dois exemplares encadernados para a Biblioteca da Universidade» (p. 73).

Em 1835, depois da extinção das ordens religiosas, a Biblioteca terá arrecadado perto de 23 mil volumes dos antigos conventos, tendo, em 1848, 52 mil volumes e 900 manuscritos, e em 1856 quase 56 mil. Em 1851 torna-se beneficiária do depósito legal que fazia incorporar nos seus fundos um exemplar de cada obra publicada em Portugal, o que, porém, só conhece alguma efetividade em 1931. Em 1957 é selecionada como biblioteca portuguesa depositária das publicações da ONU e, mais tarde, em 1965, das da EFTA, OCDE, NATO, entre outras.

Hoje, com quase dois milhões de livros, repartidos pela Biblioteca Geral (BGUC) e pela Biblioteca Joanina, é porventura a maior e mais rica biblioteca universitária portuguesa.

Tal como refere Fernando Taveira da Fonseca, que assina o prefácio do livro: «este estudo torna-se, deste modo, um tributo, um testemunho de reconhecimento, fixando uma outra memória na qual acontecimentos e afetos se entretecem. Sente-se, nesta história, discreta mas nítida, a presença dos narradores: o que chega até nós é um olhar a partir de dentro, das problemáticas que dia a dia os interpelam, da paixão que os liga ao trabalho que desenvolvem, projetada na leitura que fazem do passado e das personagens do seu enredo. Ao contarem a biblioteca, contam-se a si próprios: e esta perspetiva quase confidencial torna aliciante a leitura deste texto» (p. 10).

---

A. E. Maia Amaral, coord. - *Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Pref. Fernando Taveira da Fonseca. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, 212 p. ISBN 978-989-26-0893-8

---

*Paulo J. S. Barata*